

Fall 10-1-2021

Um diálogo proporcional aos interlocutores ou a perspectiva actual das relações interreligiosas no Senegal

Jean Claude Angoula

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/horizontes-espiritanos>

Recommended Citation

Angoula, J. (2021). Um diálogo proporcional aos interlocutores ou a perspectiva actual das relações interreligiosas no Senegal. *Horizontes Espiritanos*, 17 (17). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/horizontes-espiritanos/vol17/iss17/14>

This Soundings is brought to you for free and open access by the Spiritan Horizons (English, French, and Portuguese) at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Horizontes Espiritanos by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

Jean Claude Angoula, C.S.Sp. é um espiritano camaronês com um doutoramento em sociologia e teologia. Em vinte anos de missão no Senegal, ocupou vários cargos: professor e director do Centro Santo Agostinho em Dakar, formador e reitor do teologado Dom Pierre Sagna em Dakar, e superior provincial da África Noroeste. Entre as suas publicações incluem-se *L'Église et l'État au Sénégal: acteurs de développement?* [A Igreja e o Estado no Senegal: actores do desenvolvimento?] (L'Harmattan, 2015); *Famille et politique en Afrique* [Família e Política na África]; *Entre le meilleur et le pire* [Entre o Melhor e o Pior], com Ibou Sané (L'Harmattan, 2016); *PouVer et opposition. Les pathologies des forces politiques africaines* [Poder e oposição. As patologias das forças políticas africanas] (em breve).



UM DIÁLOGO PROPORCIONAL AOS INTERLOCUTORES OU A PERSPECTIVA ACTUAL DAS RELAÇÕES INTERRELIGIOSAS NO SENEGAL

INTRODUÇÃO

Em 2021, houve confrontos entre jovens cristãos e muçulmanos na aldeia de Diohine, devido às intenções dum marabuto e dos seus talibás que queriam fazer desta localidade uma “terra do Islão”. Em 2019, a decisão das autoridades administrativas da instituição Sainte Jeanne d’Arc em Dakar de impor a proibição do uso do véu, que está incluída no regulamento interno da escola, não obteve a aprovação unânime. Outros casos semelhantes tinham ocorrido no passado nos seguintes colégios: Didier Marie de Saint-Louis em 2016, Hyacinthe Thiandoum e Anne Marie Javouhey de Dakar em 2011. Como não recordar as palavras do antigo bispo de Thiès, Dom Jacques Sarr, sobre os obstáculos que existem até hoje relativamente à construção duma capela em Tivaouane, bastião da irmandade de Tijane?

Se dependesse de mim, este problema já teria sido resolvido há muito tempo. Mas temos à nossa frente parceiros com quem só podemos falar, escrever e intervir para que as pessoas regressem a uma situação de justiça e verdade. Realmente, este caso é um espinho no meu coração como bispo que nada me pode fazer esquecer. Sinto esta picada no meu coração em cada momento e isso faz-me sofrer.¹

Sobre o tema da igreja de Tivaouane, o Cardeal Hyacinthe Thiandoum já se

1. SARR (M^{re} Jacques), « Interview [Entrevista] », em *Horizons Africains, Le mensuel de la vie catholique au Sénégal*, n.º 593, juin 2007, p. 19.

As relações
inter-religiosas
entre cristãos e
muçulmanos.

tinha expressado em termos ecoados pelo Bispo Jacques Sarr: “Este problema da igreja [de Tivaouane] continua a ser uma das maiores provações da minha vida como bispo”.²

São estas e outras situações de conflito que fornecem fundamentos suficientes para a nossa reflexão sobre as relações inter-religiosas entre cristãos e muçulmanos. Não se podem imaginar mais momentos inter-religiosos na vida dum povo do que a família, a escola e os lugares de culto, onde os crentes demonstram que podem viver juntos. Podemos portanto compreender o aviso do Cardeal Théodore Adrien Sarr quando relê certos comportamentos e atitudes:

*Os comportamentos e atitudes descritos, se não tivermos o cuidado de os corrigir definitivamente através da educação e da sensibilização, podem comprometer seriamente o diálogo e, portanto, a convivência entre indivíduos e comunidades, e finalmente torná-los impossíveis.*³

A expressão
diálogo proporcional
aos interlocutores serve
de ponto de referência
para a perspectiva
teológica do diálogo
cristão-muçulmano.

Em vista de “certos sinais ou atitudes de desconfiança, mesmo de intolerância, que nos recordam que em matéria de paz religiosa e coesão nacional, nada é adquirido definitivamente”,⁴ o diálogo e a convivência de que o Cardeal Sarr fala levam-nos a aperfeiçoar o seu entendimento teológico para o qual o contexto eclesial senegalês pode contribuir. No fundo, queremos definir o posicionamento de cada actor no diálogo através da noção de ‘interlocutor’. Na primeira parte, vamos apresentar como os apelos à unidade das autoridades religiosas e civis, que são factuais e pontuais, nos permitem deduzir a figura duma tradição em vez duma novidade do diálogo. Na segunda parte, mostraremos como a expressão diálogo proporcional aos interlocutores serve de ponto de referência para a perspectiva teológica do diálogo cristão-muçulmano. Concluimos considerando como esta perspectiva pode entrar no debate aberto pela *Nostra aetate* sobre a condição humana como pedra angular do método dialógico.

2. THIANDOUM (Hyacinthe), em *Jeune Afrique*, nº 1991, 9 a 15 de Março de 1999, p. 29.

3. SARR (Théodore Adrien), « Chrétiens en terre d’islam : le cas du Sénégal [Cristãos em terras islâmicas: o caso do Senegal] », em *Cahiers de philosophie et de théologie*, revista interdisciplinar do Centro Santo Agostinho em Dakar, nº 2013-03, « Les visages de l’Église catholique au Sénégal [Os rostos da Igreja Católica no Senegal] », fév. 2013, p. 53.

4. DE BENOIST (Joseph Roger), *Histoire de l’Église catholique au Sénégal. Du milieu du XV^e s. à l’aube du troisième millénaire* [História da Igreja Católica no Senegal. Desde meados do século XV até ao alvorecer do terceiro milénio], Paris, Clairafrique-Karthala, (col. « Mémoire d’Églises »), 2008, p. 493.

I. OS CONVITES À COEXISTÊNCIA PACÍFICA COMO BUSCA DE UNIDADE NA DIVERSIDADE RELIGIOSA

Os apelos do episcopado senegalês à coexistência pacífica são um convite a comportar-se nas circunstâncias e lugares de colaboração humana natural: famílias, aldeias, bairros, grupos de jovens, crianças e adultos, etc. No entanto, é necessário “compreender que estamos todos em relação com pessoas e comunidades muito diferentes”.⁵ Preservar estas relações é uma das missões da Comissão Episcopal para as Relações Cristão-Muçulmanas. Como os prelados salientam novamente: “é um longo caminho de vida”.⁶ Isto é necessário numa área onde “viver juntos na mesma nação, entre pessoas de diferentes etnias, línguas, origens e especialmente religiões, é um teste e uma provação para todos”.⁷ A referência aos três níveis de provações - a provação da coabitação, a provação do lar cristão-muçulmano e a provação da vida quotidiana - é um reconhecimento explícito dos conflitos e tensões, bem como dos desafios nas relações cristão-muçulmanas. É uma questão de chegar à descoberta que permitirá “viver juntos em paz e harmonia”.⁸ Daí as legítimas questões que os bispos senegaleses colocam:

A provação da coabitação, a provação do lar cristão-muçulmano e a provação da vida quotidiana.

Qual é a qualidade das nossas relações, entre nós, mas também com aqueles que têm uma fé diferente da nossa. Esta é a questão. Temos um espírito de abertura e compreensão, de acolhimento e de perdão? É este espírito que nos leva ao verdadeiro diálogo onde duas pessoas, duas comunidades, podem falar uma com a outra com respeito, ouvindo-se mutuamente, cada uma procurando compreender a outra, os seus pensamentos, a sua fé.⁹

Nesta dinâmica de questionamento do diálogo cristão-muçulmano, o ‘exame de consciência’¹⁰ deve ser re-situado. O que os bispos não dizem sobre a unidade é que esta não é uma ideia desligada das resoluções pessoais. “O caminho do diálogo é possível, se o quisermos, e se aceitarmos entrar numa relação fraterna com crentes doutras tradições religiosas”¹¹ Esta situação obriga-nos a regressar às motivações que

5. LES ÉVÊQUES DU SÉNÉGAL [Os Bispos do Senegal], « Relations islamo-chrétiennes [Relações islamo-cristãs] », em *La Documentation catholique*, n° 2033, 4-18 août 1991, p. 754.

6. *Ibid.*, p. 754.

7. *Ibid.*, p. 754.

8. *Ibid.*, p. 756.

9. *Ibid.*, p. 754.

10. *Ibid.*, p. 754.

11. *Ibid.*, p. 755.

Olhar uns
para os outros na
diversidade de etnias,
costumes, níveis
de educação
e religiões.

correm o risco de ser prejudicadas pela falta de reciprocidade: “A nossa fé em Cristo é uma motivação muito convincente que nos impele ao diálogo. A fidelidade ao Evangelho exige que vivamos como o próprio Jesus”.¹² Recordando que os cristãos e os muçulmanos no Senegal devem empenhar-se num diálogo verdadeiro, respeitoso e sincero, os bispos salientam as convergências no comportamento das duas comunidades religiosas que demonstram o carácter fundamentalmente construído da coabitação religiosa. Através do que se diz sobre as relações muçulmano-cristãs, percebemos a força das mensagens de paz que inspiram os bispos do Senegal. Estas mensagens referem-se mais à participação da Igreja no projecto de construção duma forma de viver em conjunto:

*Existe finalmente uma área, também vasta, onde podemos contribuir eficazmente para mais paz. É olhar uns para os outros na diversidade de etnias, costumes, níveis de educação e religiões. Vamos levar a cabo esta atenção ao outro num espírito de respeito e de estima.*¹³

A ordem dos discursos episcopais que servem de normas para as atitudes dos cristãos no Senegal em relação aos seus compatriotas muçulmanos confirma os apelos do diálogo da Igreja com a sociedade humana. Pois: “nenhum católico pode ignorar quão sensível é hoje a consciência cristã ao esforço pela justiça e pela paz”.¹⁴ Considerando esta consciência a priori, é preciso questionar as distâncias de facto no espaço eclesial senegalês. De facto, as relações nas comunidades são frequentemente mantidas com base na proximidade que resulta da mesma filiação religiosa com a outra. Recordamos as palavras dos bispos exortando o testemunho externo através da unidade vivida internamente: “a unidade dos corações e das vidas, tanto a nível privado como institucional, representará, entre os não cristãos, uma das melhores formas de testemunho.”¹⁵ Neste clima de fraternidade que respeita o estatuto e a tare-

12. *Ibid.*, p. 755.

13. CONFÉRENCE ÉPISCOPALE DU SÉNÉGAL, « Le carême et notre effort pour la justice et la paix », du 4 fév. 1972, em *Paroles d'évêques 1963-2000. Lettres pastorales, directives, déclarations, appels des évêques du Sénégal et de la conférence épiscopale*, (textes réunis et présentés par la commission épiscopale de théologie ou SEP) [Conferência Episcopal do Senegal, 'A Quaresma e o nosso esforço pela justiça e pela paz', 4 de Fevereiro de 1972, em *Paroles d'évêques 1963-2000. Cartas pastorais, directivas, declarações, apelos dos bispos do Senegal e da Conferência Episcopal*, (textos recolhidos e apresentados pela Comissão Episcopal de Teologia ou SEP)], Dakar, Imprimerie Saint-Paul, 2005, p. 76.

14. *Ibid.*, p. 69.

15. *Id.*, « Loi pénitentielle et mandement de carême 1971 : le rôle missionnaire des laïcs [Lei Penitencial e Mandamento Quaresmal 1971: o papel missionário dos leigos] », em *Paroles d'évêques*,

fa evangélica própria de cada um, o trabalhador apostólico só pode ser visto como o artesão do diálogo.

Do lado muçulmano, as suas numerosas mensagens às famílias católicas durante as festas cristãs e a assistência em tempos difíceis testemunham o desejo de viver a coabitação pacífica, o amor a Deus e ao próximo como o fundamento comum do Islão e do Cristianismo.¹⁶ Tudo isto leva a concluir que o apelo à unidade, lançado pelas autoridades religiosas do Senegal, toca em todos os aspectos específicos do diálogo intra-ecclesial e inter-religioso no ambiente senegalês. Existe uma convergência dos diferentes níveis de conflito? A unidade e a diversidade marcam mais uma vez a ligação dialéctica que une as comunidades particulares e o grupo social mais vasto.

Perante as múltiplas crises sociais, políticas e económicas que as populações atravessam, os bispos defendem o diálogo inter-religioso como uma necessidade para construir, juntamente com muçulmanos ou seguidores da religião tradicional: “uma sociedade de paz e fraternidade ardentemente desejada por homens e mulheres de boa vontade”.¹⁷ Convidam «todos os cristãos do país, por fidelidade à sua fé, a abrirem um caminho mais amplo de diálogo, paz e colaboração”.¹⁸ » com os muçulmanos. Colaboração, respeito mútuo e diálogo são de facto a afirmação de um caminho percorrido por pessoas que querem viver um valor universal: o desenvolvimento. “Apelamos ao respeito recíproco entre os crentes a fim de fomentar o diálogo e os encontros fraternos, a fim de promover em conjunto o desenvolvimento harmonioso dos povos”.¹⁹ Não é portanto surpreendente ver o Bispo Ernest Sambou ter uma visão positiva dos muçulmanos da sua diocese de Saint-Louis no Senegal: “... O Islão em Saint-Louis está actualmente aberto, acolhedor e até amigável”.²⁰ O diálogo inter-religioso e a comunhão, princípio e fundamento da missão, têm portanto um significado comum nas cartas pastorais: o dum regresso aos valores do amor e do testemunho do Evangelho. Para aqueles que querem compreender as relações da Igreja senegalesa com o mundo exterior, é também imperativo restaurar os discursos das outras tradições religiosas, que muitas vezes consistem quer em difusões cogni-

O Islão em
Saint-Louis está
actualmente aberto,
acolhedor e até
amigável.

[Palavras dos Bispos] *op. cit.*, p. 86.

16. Cf. « Une parole commune entre vous et nous », *Lettre de 138 guides religieux musulmans aux guides religieux des Églises chrétiennes*, le 13 oct. 2007 [Uma palavra comum entre vós e nós”, Carta de 138 líderes religiosos muçulmanos aos líderes religiosos das Igrejas Cristãs, 13 Out 2007]. A

Carta foi uma iniciativa da Fundação Aal-al-Bayt (Família do Profeta do Islão) na Jordânia.

17. LES ÉVÊQUES DU SÉNÉGAL [Os Bispos do Senegal], *loc. cit.*, p. 17.

18. *Ibid*, 17.

19. LES ÉVÊQUES DU SÉNÉGAL, *Message aux communautés chrétiennes, aux autorités et aux hommes de bonne volonté*, Tambacounda, le 2 déc. 2014 [Os Bispos do Senegal, Mensagem às comunidades cristãs, autoridades e pessoas de boa vontade, Tambacounda, 2 Dez. 2014].

20. DIOCÈSE DE SAINT-LOUIS DU SÉNÉGAL, *Annuaire 2009-2010* [Diocese de Saint-Louis do Senegal, Directório 2009-2010], p. 6.

tivas sobre a visão do outro, quer em respostas aos apelos da Igreja. Assim, do ponto de vista do diálogo islamo-cristão e ecumênico, as posições dos califas gerais das irmandades muçulmanas e dos pastores das igrejas evangélicas não são desprovidas de interesse para as autoridades eclesiásticas senegalesas. Segundo um documento do Centre d'études et de documentation islamo-chrétien (CEDIC), a preocupação de unidade entre as irmandades é constante entre os Mourides, os Tijanes, a família Tall e os Kadres, através do Conselho Superior Kadriya para África, cujos objectivos são definidos da seguinte forma : Restabelecer na Tarika os seus princípios originais e fundamentais para uma melhor aplicação dos preceitos do Alcorão e da Sunna, lutar contra os desvios através da educação e da disseminação dos ensinamentos, cultivar e manter entre todos os muçulmanos o espírito de fraternidade, concórdia e tolerância.²¹ De 1 a 5 de Maio de 1995, cerca de cinquenta pastores e líderes cristãos reuniram-se na Academia de Dakar para rezar pela unidade na fé cristã:

*Esta consulta, disse o Pastor Sékou Diatta, «é um desafio para nós com muitas apostas». Não é apenas uma oportunidade para mostrar ao mundo a nossa unidade em Jesus Cristo, mas ainda melhor, para trazer a nossa oração ao trabalho comum de edificação económica, social, moral e espiritual do nosso país.»*²²

Na mesma ocasião, o antigo Ministro do Interior Djibo Leyti Kâ declarou:

*A fraternidade, construída sobre os alicerces da solidariedade, é uma das vossas preocupações constantes. A abordagem espiritual da vossa assembleia, que favorece o diálogo, a tolerância e a comunhão, faz parte da percepção que cada crente deve ter nas suas relações com os seus irmãos.»*²³

Não é surpreendente que todos estes documentos tenham sido registados nos arquivos publicados pelo CEDIC, o organismo de investigação da Igreja senegalesa, o que realça a comunhão orgânica. No entanto, todas estas boas intenções não podem mascarar certas lógicas comunitárias de autopreservação ou apagar as divisões baseadas na identidade que, ainda hoje, continuam a ser um obstáculo a uma verdadeira convivência. O próprio Presidente Macky Sall reconhece estas derivas e convida-nos a estar vigilantes: “temos de ter cautela... A armadilha está sempre lá e

21. « Les confréries aujourd'hui au Sénégal », em *Les dossiers du Centre d'études et de documentation islamo-chrétien* [As irmandades no Senegal hoje”, em: Les dossiers du Centre d'études et de documentation islamo-chrétien] (CEDIC), n° 2, fév. 1995, p. 5.

22. DIATTA (Sékou), em *An 2000 et au-delà, Rapport final de la consultation nationale évangélique du Sénégal*, du 1^{er} au 5 mai 1995 au Temple évangélique du Sénégal de Dakar [em: Ano 2000 e seguintes, Relatório final da consulta nacional do Senegal, de 1 a 5 de Maio de 1995 no Templo do Senegal de Dacar], p. 6.

23. Kâ (Djibo Leyti), *ibid.*, p. 8.

há jovens que se podem radicalizar sob a influência de certas correntes”.²⁴ A experiência tem demonstrado que falar demasiado sobre paz e unidade destrói muitas vezes o consenso em vez de o melhorar. Fechar os olhos à ‘armadilha’ de que fala Macky Sall é fechar os olhos a coisas que podem enfraquecer o diálogo e a coesão social. Ter em conta as derivas também leva à concepção do papel dum político: “Para isso,» diz Macky Sall, «o meu papel é juntar-nos em torno dos ideais que partilhamos”.²⁵

A experiência tem demonstrado que falar demasiado sobre paz e unidade destrói muitas vezes o consenso em vez de o melhorar.

Face aos reflexos de ‘retirada de identidade’, que seria ingénuo acreditar que desaparecerão com algumas histórias de sucesso, com discursos brilhantes, advertências e conselhos esporádicos, o tema do diálogo pode e deve ser defendido, mas deve ser associado a uma força teórica e mobilizadora adequada. A nível nacional e eclesial, podemos ver nos discursos e exemplos anteriores a necessidade de uma ‘legislação harmonizada’²⁶ do Estado que evite colocar os seguidores das religiões em competição uns com os outros e a recordação da constituição que os torna cidadãos iguais perante a lei. O diálogo e a convivência têm um significado teológico e não apenas institucional. No entanto, este significado não é suficientemente evidente nos apelos à coabitação pacífica que permanecem pontualmente. A fim de construir uma teologia inter-religiosa «para tempos de crise», a nossa convicção é que é necessário começar por conhecer bem os conflitos localmente para estabelecer os princípios e paradigmas de uma teologia das religiões, não em nome da moda, mas para fugir a generalizações e aparências enganosas. Novos horizontes nas relações inter-religiosas não podem ser propostos sem primeiro ter a coragem de nomear os problemas e de os situar nos níveis em que surgem. Como escreve o Abade Pascal Fap-Téning Diome, Director de Obras da Arquidiocese de Dakar:

*A convivência inter-religiosa precisa de se libertar do conceito de excepcionalismo senegalês, que lhe concede um julgamento, com a conclusão de que tudo está bem. Deve ser considerado como um local de construção a ser construído diariamente, para ser mantido sem descanso.*²⁷

24. SALL (Macky), *Le Sénégal au cœur* [O Senegal no coração], Paris, Le cherche midi, (col. « Documents »), 2019, p. 153-154.

25. *Id.*, cité par DIENG (Adama), em *L’Observateur*, n° 4631, du mercredi 6 mars 2019 [citado por Dieng (Adama), em *L’Observateur*, n° 4631, de quarta-feira 6 de Março de 2019], p. 4 : lire aussi *Le Soleil*, n° 14656, du mercredi 3 et jeudi 4 avril 2019 [ler também *Le Soleil*, n° 14656, de quarta-feira 3 e quinta-feira 4 de Abril de 2019], p. 3.

26. SALL (Macky), *Le Sénégal au cœur* (*op. cit.*) [O Senegal no coração], p. 154.

27. DIOMÉ (Abbé Pascal Fap Téning), *Lignes de force 2019-2020* [Linhas de força 2019-2020], Dakar, Imprimerie Saint-Paul, 2019, p. 24.

Uma verdade
que “é realizada
de acordo com diferentes
graus, em proporção
com as pessoas
e a sua
situação.

E o Bispo Benjamin Ndiaye aconselha os religiosos a: “prestar atenção ao ambiente e às suas expectativas, para criar condições favoráveis a uma missão aberta a todos”.²⁸ Não devemos esperar apenas respostas pastorais. A reacção às declarações de Pascal Diome e Benjamin Ndiaye também requer um “grande momento de inteligência cristã” para permitir que os seguidores de Cristo alimentem possíveis mudanças. O teólogo deve ser capaz de contribuir para isso. Da experiência senegalesa, resumida nos apelos à unidade e à persistência dos problemas, uma abordagem adequada da teologia das relações inter-religiosas só pode ser situada hoje no horizonte da diferença proporcionada. O princípio da proporcionalidade parece responder a semelhante perspectiva.

II. O PRINCÍPIO DA PROPORCIONALIDADE APLICADO À VERDADE, RELIGIÕES E DIÁLOGO

O termo «proporcionalidade» é usado pelo teólogo e filósofo francês de origem libanesa, Michel Younès, para designar a forma de pensar a diferença religiosa não como um ‘declínio’ ou ‘produto do mal’, mas como um indicador duma verdade que “é realizada de acordo com diferentes graus, em proporção com as pessoas e a sua situação”.²⁹ A base escriturística de Younès é a parábola dos talentos (Mt 25,14-30). Nesta história do evangelho, três servos recebem talentos do seu senhor, que devem tornar frutuosos. A diferença entre o início ou «oferta diferenciada» e o fim ou «recepção diferenciada» é visível: o primeiro servo recebe cinco talentos, o segundo dois e o terceiro um. O mestre age desta forma porque tem em conta o que cada servo é e o que pode fazer. A diferença nos resultados provará que ele tem razão, uma vez que os três criados não se reportam ao seu mestre da mesma forma. Para Younès, o raciocínio proporcional da parábola dos talentos permite três tipos de interpretação relacionados com a verdade revelada, o contexto do pluralismo religioso e o diálogo. Ao nível da verdade revelada, ela permanece única e representada na parábola dos talentos pela singular e única posição do mestre em relação aos criados. O mestre não se multiplica, quanto mais os talentos que dele provêm. A singularidade da revelação é um acontecimento único cuja manifestação na história não leva à sua

28. NDIAYE (Benjamin), *Homélie de profession perpétuelle des Frères de saint Gabriel, 25 ans de la province du Sénégal et 25 ans de présence dans le diocèse de Kaolack*, dans *Paroles de vie*, recueil d’homélie de Son Excellence M^{gr} Benjamin Ndiaye, évêque de Kaolack, (textes réunis par la DIRECTION DIOCÉSAINNE DES ŒUVRES DE KAOLACK), Dakar, Imprimerie Saint-Paul, 2012, p. 170-171.

29. YOUNÈS (Michel), *Pour une théologie chrétienne des religions*, Paris, Desclée de Brouwer, (col. « Théologie »), 2012, p. 184.

fragmentação.³⁰ O segundo nível de interpretação da parábola dos talentos é a religião ou as religiões, marcada pela atitude de apropriação dos três servos. Os crentes de diferentes religiões aceitam a única verdade que está em Deus ou que vem de Deus, de acordo com as suas situações históricas. Neste caso, não é a verdade que é diferente ou plural; o que é diferente e plural são as formas de compreender o dado original, intimamente ligadas à recepção humana. As formas de compreender a verdade tanto dentro como fora da mesma religião não são oposições mas sim diferenças. “Se a diferença é muitas vezes vista como uma barreira, ou pelo menos como um lugar de separação e oposição, a consideração da proporcionalidade faz sobressair o seu lado relacional”.³¹ A consequência aqui é que devemos evitar classificar como ódio, antipatia e oposição tudo o que tem a ver com a alteridade religiosa. A religião do outro é que é diferente da minha, mas não se opõe à minha; e não ouço aquele que me fala das suas práticas religiosas como eu ouço aquele que fala mal das minhas.

O diálogo
é a consequência
lógica das duas áreas
anteriores de apreciação
na parábola dos
talentos.

No que diz respeito ao diálogo, é a consequência lógica das duas áreas anteriores de apreciação na parábola dos talentos. Este diálogo é vertical porque tem lugar entre Deus - «o mestre» - e os seres humanos - «os servos». É também horizontal porque a compreensão da relação com Deus conduz o ser humano para com o seu semelhante; é a prova disto: «Por este amor que tendes uns pelos outros, sereis reconhecidos como meus discípulos» (Jo 13,35). Sobre este último ponto, a questão do diálogo é entendida em relação à caridade vivida antes de mais nada no seio da mesma família religiosa, a «ética da reciprocidade»,³² para usar a retórica do filósofo e jurista americano Thomas Nagel, que nos propõe que pensemos na nossa relação com os outros com base numa certa sabedoria bíblica: «Não faças a ninguém o que não gostarias que te fizessem» (Tb 4,15; Mt 7,12; Lc 6,31; Rm 13,8-10). Esta é a regra que é imposta a todas as pessoas que querem viver juntas no mesmo espaço territorial.

Haverá apenas uma religião verdadeira? Será que uma religião tem o monopólio da verdade? O sucesso do diálogo depende, em grande medida, da forma como a verdade e a religião são representadas. Lidos à luz da parábola dos talentos, a verdade, a religião e o diálogo levam à percepção das relações inter-religiosas em termos da «particularidade duma providência proporcionada» e da capacidade de cada um para entrar na plenitude de Deus. O princípio proporcionado da compreensão do pluralismo religioso não conduz ao relativismo da verdade que permanece ligado a uma raiz comum. Também não conduz a uma abordagem teocêntrica que nivela

30. *Ibid.*, p. 196.

31. *Ibid.*, p. 162.

32. Cf. Thomas NAGEL, *Possibility of altruism*, New Jersey, Princeton university Press, 1979.

O diálogo é uma comunicação que tem lugar entre os interlocutores.

todas as religiões. A sua especificidade reside na capacidade de cada um e de todos se apropriarem da verdade. Como esta é revelada em Jesus Cristo, o nativo de Nazaré é apresentado como aberto a todos e atraindo a humanidade para Si próprio. É neste sentido que devemos compreender as palavras de Pedro: «Não há outro nome sob o céu dado entre os homens pelo qual devemos ser salvos» (Actos 4,12). Mas a sua implementação, que é sempre o lugar de descobertas incessantes, requer um encontro, uma consulta, um diálogo. A verdade central duma determinada religião só é verdadeiramente respeitada na sua particularidade se os crentes que a experimentam estiverem abertos ao processo de fé doutros crentes; eles testemunharão que o seu «profeta-fundador» é capaz de assumir efectivamente este processo. Em termos concretos, isto significa que não existe diálogo cristão-muçulmano onde os cristãos estão entre si sem os seus interlocutores muçulmanos, onde não existem sensibilidades muçulmanas para se expressarem, onde não existem possibilidades de este tipo de diálogo lhe conferir um carácter prático. Assim, a ênfase do diálogo entre cristãos e muçulmanos assume facilmente uma forma consentânea com os interlocutores. Por outras palavras, trata-se das condições para expressões multiformes de fé em Deus de acordo com a lógica cristã e expressões multiformes de fé em Deus de acordo com a lógica islâmica. A tentativa de reduzir estas expressões a uma só mina os direitos humanos dos quais faz parte a liberdade religiosa.

Certamente, as iniciativas de diálogo trazem a razão colectiva para o primeiro plano. Mas nunca devem esquecer-se de alcançar as situações particulares dos interlocutores sem as quais esta razão colectiva se torna complicada. Dadas as crises nas relações cristão-muçulmanas no Senegal delineadas na introdução, é concebível que as especificidades das comunidades de irmandades islâmicas e das comunidades cristãs se tornem significativas. A questão toda hoje é esclarecer como é que estas comunidades podem encontrar todo o seu alcance na fórmula duma teologia sistémica.

O termo 'interlocutor' corresponde a uma necessidade que, no método parábólico de Jesus, se apresenta de muitas maneiras: o interlocutor é cada pessoa com quem Jesus fala nos Evangelhos, independentemente da sua opinião religiosa ou política e da sua classe social.

As parábolas são uma descrição de «situações de diálogo». As posições das personagens são alternativas, e passamos de orador a interlocutor e voltamos de novo a interlocutor. Jesus respeita as opiniões dos seus interlocutores, mesmo se por vezes gostaria que alguns deles mudassem. Se é verdade que as queixas que se ouvem nos

Não existe diálogo cristão-muçulmano onde os cristãos estão entre si sem os seus interlocutores muçulmanos.

encontros inter-religiosos são muito mais sobre a falta de atenção ao outro - o interlocutor - não será indispensável, no contexto das actuais relações inter-religiosas no Senegal, dar lugar à experiência do interlocutor, à sua tradição e à sua teologia? O diálogo é uma comunicação que tem lugar entre os interlocutores. É sem dúvida através dos interlocutores cristãos e muçulmanos, na forma de ir ao fundo das questões e nas disposições que tocam as formas de acreditar próprias de cada grupo religioso, nas suas respostas específicas, que o diálogo poderia ser renovado com a profundidade esperada. Na perspectiva actual, trata-se de estar em sintonia com os problemas do ambiente vital, de procurar e introduzir novidade na forma de diálogo entre crentes, olhando para o presente e para a singularidade da pessoa humana no plano de Deus.

CONCLUSÃO

É no campo da teologia contextual que devemos colocar as páginas que acabámos de ler. De facto, cada ano que passa mostra mais fragilidade nas relações entre crentes em geral, e entre cristãos e muçulmanos em particular. A expressão 'teranga',³³ cada vez mais ligada à educação e à formação, mais do que à afiliação social e religiosa em geral, já não é uma obrigação cultural para muitos jovens senegaleses. Os surtos de reivindicações de identidade e as crises que surgem entre cristãos e muçulmanos correm o risco de quebrar a longa tradição de convívio. Sobre o tema da tradição, a filósofa Hannah Arendt adverte:

*O fim da tradição não significa necessariamente que os conceitos tradicionais tenham perdido o seu poder sobre as mentes dos homens. Pelo contrário, por vezes parece que este poder de noções e categorias antigas se torna mais tirânico à medida que a tradição perde a sua vitalidade e que a memória do seu início recua.*³⁴

Uma das contribuições da nossa reflexão é mostrar como a tradição local pode renascer da fé em Deus e dos textos de referência dos cristãos e muçulmanos. A este renascimento não faltam pontos de referência teológica para ambas as tradições religiosas. O diálogo proporcionado aos interlocutores é um dos princípios que encoraja a reflexão e a acção, ao prestar mais atenção aos recursos das pessoas envolvidas no diálogo.

João Paulo II fez duas propostas que nos permitem centrar-nos no interlocutor.

A primeira é que: “quando o diálogo começa, cada parte deve pressupor uma vontade de reconciliação na outra parte, uma vontade de unidade na verdade”.

33. Uma palavra da língua Wolof que significa 'hospitalidade', 'convivialidade'.

34. ARENDT (Hannah), *La crise de la culture. Huit exercices de pensée politique*, (traduzido do inglês sob a direcção de Patrick Lévy) [A Crise da Cultura. Oito Exercícios de Pensamento Político], Paris, Gallimard (1954), 1972, p. 39.

O conceito
de 'interlocutor'
não se refere apenas
ao outro..

E a segunda: "O interlocutor deve ser coerente com as suas próprias tradições e crenças religiosas e aberto às do outro, a fim de as compreender".³⁵

Em suma, o conceito de «interlocutor» não se refere apenas ao outro. Se tivermos em conta que na filosofia da linguagem e da comunicação, aquele que detém o papel de «locutor» torna-se o interlocutor quando este último se torna o locutor, o conceito de interlocutor refere-se por vezes ao «outro» e por vezes a «eu». Devido ao prefixo *inter*, que expressa a troca entre duas ou mais partes, a acção ou a dependência mútua, temos preferido este conceito ao de locutor para nos referirmos ao actor do diálogo, bem como às diferentes situações em que ele se encontra. O desafio metodológico e epistemológico nada mais é do que restaurar o diálogo na historicidade dos seus actores, tornar as pessoas conscientes da apropriação do elo revelação-história.

O modelo teológico do interlocutor pode assim ajudar cristãos e muçulmanos no Senegal a questionar a sua atitude em relação à explicação do «direito à diferença», a desenvolver a dimensão proporcionada da recepção do dom revelador e a colocar o humano no centro do seu diálogo. Esta perspectiva liga a história das crenças uns dos outros, encoraja-os a envolverem-se mais profundamente com a condição humana e a planearem as suas respostas de acordo com o modelo mais amplo de *Nostra aetate* que pergunta:

*O que é o homem? Qual é o significado e a finalidade da vida dele? O que é o bem e o que é o pecado? Qual é a origem e o objectivo do sofrimento? Qual é o caminho para a verdadeira felicidade? O que é a morte, o julgamento e a retribuição após a morte? Qual é o mistério último e inefável que abraça a nossa existência, do qual derivamos a nossa origem e para o qual tendemos?*³⁶ ■

Jean-Claude Angoula, C.S.Sp.
Sénégal.



35. *Id.*, Encíclica *Redemptoris missio*, 7 Dez. 1990, nº 56.
36. João Paulo II, Encíclica *Nostra aetate*, nº 1.